



A internet e a nebulosa securitária

Sofia José Santos¹

Desde o quotidiano e a Internet das Coisas à realidade virtual, passando por mudanças estruturais sentidas em áreas tão distintas como a comunicação, a economia, o consumo, o trabalho, o conflito, a diplomacia, a guerra e a paz, a internet é hoje uma plataforma e arena decisiva na condução das relações internacionais (Bollier, 2003; Eriksson e Giacomello, 2007; Kremer e Müller, 2016).

O potencial disruptivo da internet é tal que Castells (2014) faz um paralelismo interessante afirmando que na mesma medida em que o motor elétrico foi o vetor de transformação tecnológica da Era Industrial, a Internet é a tecnologia definidora da Era da Informação em que vivemos, encerrando um potencial transformador não só dos elementos que a constituem, como da sua natureza, das dinâmicas que os interligam e dos seus resultados.

Neste percurso, e à medida que transitamos de uma sociedade industrial para uma sociedade da informação, a informação torna-se gradualmente a principal fonte de poder (Cavelty e Brunner, 2007) e a Internet uma arena privilegiada de disputa e acumulação do mesmo (Karatzogianni, 2009; O’Day, 2004), fazendo com que - transversal a toda à *agency* distributiva que a internet permite - seja não só essencial proteger e aceder a informação, como proteger e dominar a própria rede (Krishna-Hensel, 2007).

Na verdade, na mesma medida em que a internet permite uma rede horizontal hiper-relacionada e democratizada empodera – com armas iguais ou de alguma forma equiparáveis - atores em distintas geografias e lugares de enunciação, bem como a partir de posições de hegemonia e contra-hegemonia. Figuras como *cybertroops*, *trolls*, *hackers* e conceitos como *cybersecurity*, *cyberterrorism* ou *hacktivism* sintetizam estas novas dinâmicas (securitárias) de poder e contra-poder na era digital e que se consubstanciam como ameaças à segurança do Estado, de empresas, das organizações, de grupos e mesmo dos cidadãos – individual ou coletivamente considerados.

As revelações de Snowden sobre o programa PRISM, em 2013; bem como a informação divulgada no mesmo ano sobre os EUA terem colocado a chanceler alemã Angela Merkel, os Presidentes Franceses Jacques Chirac, Nicolas Sarkozy e François Hollande, várias embaixadas, entre outros alvos, sobre escuta para aceder a informação crucial para processos e tomadas de decisão em diferentes áreas; ou o ciberataque ao serviço nacional de saúde britânico em maio de 2017, são exemplos elucidativos desta nova área e dinâmicas de segurança. Por seu lado, se os cidadãos podem eles próprios *hackear* empresas

¹ Professora Auxiliar Convidada na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Investigadora Associada do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e do OBSERVARE/Universidade Autónoma de Lisboa.

e Estados, desenvolver políticas de contestação mobilizadoras – como aconteceu com o *Occupy Wall Street* ou a Primavera Árabe - são também eles – e a informação sobre si - cada vez mais vulneráveis. Roubo de identidade, fraudes eletrônicas, políticas de vigilância abusivas em termos de Direitos Humanos, são algumas das ameaças que todos os cidadãos enfrentam hoje-em-dia.

Para compreendermos a ordem mundial de cada momento é importante compreender em que consiste o poder, quem o detém e que meios são precisos para o poder exercer (Howard, 2015). Dando sentido processual à lógica de governação global da hegemonia liberal, Robert Cox (1997) falava da nebulosa. Era uma metáfora que pretendia sintetizar a natureza relacional e, sobretudo, difusa, pouco nítida (para o observador) e, porém, bem-sucedida e consensualizada da governação hegemónica neoliberal. A articulação da internet e era digital com a área da segurança nas relações internacionais recupera de alguma forma a mesma metáfora, ainda que sintetizando dinâmicas distintas.

Na era digital, há cada vez mais pessoas digitalmente competentes e capazes de aceder, gerir e gerar informação, criar tecnologia, produzir software assumindo uma capacidade e alcance de *agency* particularmente forte. Porém, esta *agency* não é apenas maior em termos de número absoluto, mas é também mais dispersa, distinta, difusa e multinível. Na verdade, se até hoje as políticas e reflexões sobre segurança pressupunha a centralização da burocracia, da informação e do controlo ao nível nacional, a tecnologia moderna empurra as áreas da segurança para uma tendência contrária suportada por dinâmicas distributivas, descentralizadas e incontrolláveis (Barlett, 2017) – uma nebulosa, ainda que já não encerre necessariamente uma dinâmica convergente, hegemónica e/ou unidirecional, mas antes um elevado potencial adversarial cujo alcance e contornos completos estamos ainda longe de conseguir adivinhar.

Bibliografia:

Barlett, Jamie (2017) “Return of the City State”, *Aeon*. Disponível em: <https://aeon.co/essays/the-end-of-a-world-of-nation-states-may-be-upon-us>;

Bollier, David (2003) “The Rise of the Netpolitik: How the Internet is Changing International Politics and Diplomacy”, *Report of the Eleventh Annual Aspen Institute Roundtable on Information Technology*, Washington D.C.: Aspen Institute. Disponível em: http://pendientedemigracion.ucm.es/info/sdrelint/ficheros_materiales/materiales0415.pdf.

Cox, Robert (1997) “Democracy in hard times: economic globalisation and the limits to liberal democracy”, in McGrew, A. (ed.) *The Transformation of Democracy? Globalisation and Territorial Democracy*. Cambridge: Polity Press: 49-72

Eriksson, Johan e Giacomello, Giampiero (2007) “Introduction: Closing the gap between international relations theory and studies of digital-age security”, in Eriksson, Johan, e Giacomello, Giampiero (eds.) (2007), *International Relations and Security in the Digital Age*, New York: Routledge.

Howard, Philippe N. (2015) *Pax Technica: How the internet of things may set us free or lock us up*, Yale: Yale University Press.

Karatzogianni, Athina (ed.) (2009), *Cyber Conflict and Global Politics*, London: Routledge.

Kremer, Jan-Frederik; e Müller, Benedikt (eds.) (2013) *Cyberspace and International Relations: Theory, Prospects and Challenges*, Nova Iorque: Springer.

Krishna-Hensel, Sai Felicia (2007) "Preface" (2007) in Dunn, Myriam; Krishna-Hensel, Sai Felicia e Mauer, Victor (orgs.) (2007) *Power and Security in the Information Age. Investigating the Role of the State in Cyberspace*, Ashgate.

O'Day, A. (ed.) (2004) *Cyberterrorism*, Aldershot: Ashgate.